

LOUCURA, MORTE, VINGANÇA E JUSTIÇA EM OS DE MACATUBA: VESTÍGIOS HAMLETIANOS NO CONTO “POR UMA QUARTINHA COM ÁGUA SERENADA”, DE TARCÍSIO GURGEL

Data de submissão: 15/01/2025

Data de aceite: 05/02/2025

Edmundo Pereira dos Santos

Eldio Pinto da Silva

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar o conto contemporâneo “Por uma Quartinha com Água Serenada” do livro *Os de Macatuba* (2003), de Tarcísio Gurgel, com vistas a identificar vestígios hamletianos como loucura, morte, vingança e justiça. Destaca-se que *Os de Macatuba* constitui uma série de contos ambientados na cidade fictícia de Macatuba, no interior do Rio Grande do Norte. A obra narra as histórias de diversos personagens que vivem sob o domínio da violência, da religiosidade e da cultura popular, estes que podem estar relacionados com os elementos hamletianos. Para a realização deste estudo, foi decidido a produção de uma pesquisa de caráter bibliográfico com foco exploratório-descritivo na qual estuda e evidencia os vestígios hamletianos presentes na obra de Tarcísio Gurgel como continuidade do passado literário shakespeariano. Como pressupostos teóricos, utilizamos os estudos de Aline Sengik e Flávia Ramos (2015) para

entender sobre o tema morte na literatura; o trabalho de Rodrigo Cintra (2011), que fala da dimensão trágica da justiça nas obras de Shakespeare; a tese de Pablo Corroche (2013), que discute a manifestação da loucura em *Hamlet* e os escritos de Emily Fabris (2018), que fala sobre o tema vingança sob a perspectiva hamletiana. Os resultados esperados são identificar e interpretar os vestígios hamletianos na obra de Gurgel; avaliar a originalidade e a relevância da sua proposta estética e ética; contribuir para o reconhecimento e a valorização da sua obra no âmbito da literatura brasileira e universal.

PALAVRAS-CHAVE: Os de Macatuba, Conto contemporâneo, Vestígios Hamletianos.

MADNESS, DEATH, REVENGE AND JUSTICE IN OS DE MACATUBA: HAMLETIAN TRACES IN THE SHORT STORY “POR UMA QUARTINHA COM ÁGUA SERENADA”, BY TARCÍSIO GURGEL

ABSTRACT: This article aims to analyze the contemporary short story “Por uma Quartinha com Água Serenada” from the book *Os de Macatuba* (2003), by Tarcísio

Gurgel, with a view to identifying Hamletian traces such as madness, death, revenge and justice. It is noteworthy that *Os de Macatuba* constitutes a series of short stories set in the fictional city of Macatuba, in the interior of Rio Grande do Norte. The work tells the stories of several characters who live under the rule of violence, religiosity and popular culture, which may be related to Hamletian elements. To carry out this study, it was decided to produce a bibliographical research with an exploratory-descriptive focus in which it studies and highlights the Hamletian traces present in the work of Tarcísio Gurgel as a continuity of Shakespeare's literary past. As theoretical assumptions, we used the studies of Aline Sengik and Flávia Ramos (2015) to understand the topic of death in literature; the work of Rodrigo Cintra (2011), which talks about the tragic dimension of justice in Shakespeare's works; the thesis by Pablo Corroche (2013), which discusses the manifestation of madness in Hamlet and the writings of Emily Fabris (2018), which talks about the theme of revenge from a Hamletian perspective. The expected results are to identify and interpret the Hamletian traces in Gurgel's work; evaluate the originality and relevance of your aesthetic and ethical proposal; contribute to the recognition and appreciation of his work within the scope of Brazilian and universal literature.

KEYWORDS: *Os de Macatuba*, Contemporary short story, Hamletian traces.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe analisar elementos hamletianos¹ no conto contemporâneo “Por uma Quartinha com Água Serenada” presente na obra *Os de Macatuba* (1975, primeira edição), de Tarcísio Gurgel². Destaca-se que a obra se trata de uma série de contos ambientados na cidade fictícia de Macatuba, no interior do Rio Grande do Norte. A obra narra as histórias de diversos personagens que vivem sob o domínio do coronelismo, da violência, da religiosidade e da cultura popular, elementos estes, que podem estar relacionados com os elementos hamletianos.

Entre esses personagens, destaca-se Lustosa, protagonista do conto “Por uma quartinha com água serenada”, um homem que vivia feliz com a sua amada, até um fatídico acontecimento que fez ele enlouquecer e buscar por justiça através da vingança, essa busca em fazer justiça com as próprias mãos, levou a trágica morte de Lustosa, o que nos leva a observar uma série de acontecimentos que também ocorrem com Hamlet.

Sabendo disso, temos alguns indícios que *Os de Macatuba* pode apresentar vestígios hamletianos no conto “Por uma Quartinha com Água Serenada” e em seus respectivos personagens, especialmente em Lustosa que se parece muito com Hamlet. Outro fator que fundamenta os vestígios hamletianos, é a opinião do crítico literário Gilberto Teles: “Como cenas “reais” da vida pacata de Macatuba, cidade que aceita o seu destino verbal de

1 De acordo com o Dicionário *Oxford Languages*, é algo relativo a *Hamlet*, personagem da obra de mesmo nome do poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616).

2 De acordo com o autor Macedo (2018), Tarcísio Gurgel é um escritor, professor e pesquisador brasileiro, nascido em Mossoró, no Rio Grande do Norte, em 1946. Ele é autor de diversas obras, entre elas, “*Informação da Literatura Potiguar*”, considerada a mais completa história da literatura do estado, e “*Os de Macatuba*”, seu primeiro livro, que recebeu o prêmio Othoniel Menezes da Academia Norte-Riograndense de Letras. Tarcísio Gurgel é considerado um escritor de duas cabeças, pois produziu literatura exclusivamente em Natal, mas inspirado no universo mítico de Mossoró, onde nasceu e participou de movimentos culturais.

maktub e se fecha sobre si como o silêncio de Hamlet na solidão do texto literário”. (Teles, 2003, p. 21)

Gilberto Mendonça Teles fala do silêncio de Hamlet na solidão do texto literário, ao mencionar isso ele se refere à habilidade de Tarcísio Gurgel em *Os de Macatuba*, onde ele enuncia e logo em seguida “cala”, isto é, enunciamentos que geram reações silenciosas, silêncio esse que ecoa mais do que palavras:

Os de Macatuba. O título já é bem um modelo semântico das narrativas que o compõem: enuncia e cala, ao mesmo tempo. Enuncia um espaço estético e humano na cidade imaginária de Macatuba; e cala as ações e reações daqueles. Os (homens, habitantes, personagens?) que integram a comunidade retórica da obra. (Teles, 2003, p. 17).

Esse “calar” das ações e reações é algo muito visto em *Hamlet*, visto que após as tragédias, poucos sobram para ecoar os acontecimentos. Apesar das semelhanças das obras, surgem desafios no que tange o conhecimento dessas semelhanças entre os leitores. *Os de Macatuba* apresenta vestígios hamletianos, tais como os temas loucura³, morte⁴, vingança⁵ e justiça⁶ em seus contos, mas poucos leitores têm noção disso.

A complexidade e a origem das obras causam indagações sobre a possibilidade de encontrar elementos que possam aproximar o conto “Por uma Quartinha com Água Serenada” de “*Os de Macatuba*”, com temáticas expostas em *Hamlet*, por serem de roupagem e universos distintos. Apesar disso, *Os de Macatuba* pode apresentar alguns vestígios hamletianos, tais como a loucura, a morte, a justiça e a vingança.

Dessa forma, este trabalho se insere no campo dos estudos literários comparados. Nesse sentido, busca-se analisar o conto “Por uma Quartinha com Água Serenada”, presente na obra *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, publicada em 1975, e evidenciar os vestígios hamletianos, considerando os aspectos estruturais, temáticos e simbólicos que evidenciam a influência do drama elisabetano⁷ *Hamlet* na literatura potiguar.

O tema escolhido é importante e interessante por diversos motivos. Em primeiro lugar, porque permite explorar a riqueza e a diversidade da produção literária brasileira. Em segundo lugar, porque possibilita estabelecer um diálogo entre duas obras de gêneros distintos (conto e peça), mas que apresentam elementos comuns, tais como a temática da vingança, da loucura, da morte e da justiça. Em terceiro lugar, porque contribui para o reconhecimento e a valorização da obra de Tarcísio Gurgel, escritor potiguar que se

3 De acordo com o Dicionário *Oxford Languages* se trata de, distúrbio, alteração mental caracterizada pelo afastamento mais ou menos prolongado do indivíduo de seus métodos habituais de pensar, sentir e agir. Sentimento ou sensação que foge ao controle da razão.

4 De acordo com o Dicionário *Oxford Languages* se trata da interrupção definitiva da vida de um organismo. Fim da vida humana.

5 De acordo com o Dicionário *Oxford Languages* se trata de ato lesivo, praticado em nome próprio ou alheio, por alguém que foi real ou presumidamente ofendido ou lesado, em represália contra aquele que é ou seria o causador desse dano; desforra, vindita.

6 De acordo com o Dicionário *Oxford Languages* se trata de qualidade do que está em conformidade com o que é direito; maneira de perceber, avaliar o que é direito, justo.

7 De acordo com o Dicionário *Oxford Languages*, é algo próprio de ou relativo à rainha Elizabeth I (Isabel) da Inglaterra 1533-1603, ou à época do seu reinado; elisabetano, isabelino.

destaca pela sua originalidade e criatividade na construção de uma linguagem própria, marcada pela oralidade, pelo humor e pela ironia.

A lacuna que o estudo pretende preencher é a escassez de pesquisas acadêmicas que abordam a obra de Tarcísio Gurgel, especialmente a sua relação com *Hamlet*, de William Shakespeare, o maior dramaturgo da história da literatura. Apesar de existirem alguns estudos que mencionam a influência de Shakespeare na literatura brasileira, poucos se dedicam a analisar especificamente a obra *Os de Macatuba*, que é considerada uma das mais importantes e representativas da literatura potiguar. Levando isso em consideração, este trabalho tem como objetivo geral analisar elementos hamletianos no conto “Por uma Quartinha com Água Serenada”, presente em *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, com vistas a identificar vestígios como a loucura, a morte, a vingança e a justiça.

Ao que tange os objetivos específicos, busca-se: (a) Identificar as características hamletianas no conto contemporâneo “Por uma Quartinha com Água Serenada”, presente em *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel; (b) Estabelecer as semelhanças e as diferenças em temas como loucura, da morte, da justiça e da vingança no conto “Por uma Quartinha com Água Serenada” de *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, com os da obra *Hamlet*, de William Shakespeare; (c) Interpretar os símbolos e as metáforas utilizados no conto “Por uma Quartinha com Água Serenada” de *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, que evidenciam a influência da peça *Hamlet*, de William Shakespeare, na narrativa potiguar⁸.

Como fundamentação teórica, temos Aline Sengik e Flávia Ramos (2015); Rodrigo Cintra (2011); Pablo Corroche (2013) e Emily Fabris (2018), que são essenciais para a compreensão e análise de temas hamletianos. Aline Sengik e Flávia Ramos (2015) é um referencial para entender sobre into tema “morte” na literatura; Rodrigo Cintra (2011) fala da dimensão trágica da justiça nas obras de Shakespeare; Pablo Corroche (2013) discute a manifestação da loucura em *Hamlet*; Emily Fabris (2018) fala sobre o tema “vingança” sob a perspectiva hamletiana.

Em concordância com Severino (2014), a pesquisa será realizada a partir de uma metodologia de caráter bibliográfico, com foco exploratório-descritivo na qual analisa o conto “Por uma Quartinha com Água Serenada”, da obra *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, e evidencia os vestígios hamletianos presentes no mesmo, tais como a loucura, a morte, a vingança e a justiça. Vale salientar que esses vestígios são originários da obra *Hamlet*, de William Shakespeare, fato que marca a importância da mesma nesse estudo. A metodologia exploratória propõe evidenciar os vestígios hamletianos, de modo a propiciar maior compreensão sobre os mesmos, tornando-os mais evidentes. Além disso, a metodologia desta pesquisa consiste na revisão de literatura, na coleta e na análise de dados textuais. Tendo em vista isso, levando em consideração as fontes primárias e

8 De acordo com o Dicionário *Oxford Languages*, Potiguar é o nome dado a pessoa que nasce no Rio Grande do Norte, a palavra vem da língua indígena Tupi, uma das tribos originárias do estado, e seu significado é aquele que come camarão, pois é o principal crustáceo da região. m.q. RIO-GRANDENSE-DO-NORTE.

secundárias, a pesquisa foi feita através da leitura das fontes e análise de trechos delas. A abordagem teórica será baseada nos conceitos e nas categorias da teoria literária comparada, da estética da recepção.

Ressalta-se que todos o conto “Por uma Quartinha com Água Serenada” de *Os de Macatuba* (2003), possui um narrador externo a história, que é heterodiegético (3º pessoa), onisciente e onipresente, e ele faz uso de discurso indireto livre. Os acontecimentos ocorrem predominantemente em espaço físico na cidade fictícia de Macatuba no interior Potiguar. O conto possui o tempo e enredo cronológicos (linear), com algumas pequenas quebras na linearidade em fluxos de consciência. A linguagem utilizada é própria e original, Tarcísio se destaca pela economia verbal e o domínio do coloquial literário, com traços regionalistas, que são característicos nas narrativas do Rio Grande do Norte.

Enfim, o trabalho está organizado em quatro capítulos, sendo este o capítulo introdutório, onde em seguida abordaremos a biografia do autor de *Os de Macatuba*, Tarcísio Gurgel, para fins de contextualização. No capítulo de Fundamentação Teórica, dissertaremos de teorias relacionadas à análise literária dos vestígios hamletianos em *Os de Macatuba*. No capítulo alusivo aos Resultados e Discussão, teremos a análise literária dos vestígios hamletianos presente no conto “Por uma Quartinha com Água Serenada” de *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel. Por fim, nas Considerações Finais, pontuamos os aspectos mais importantes entre os resultados da análise dos vestígios na obra *Os de Macatuba*.

1.1 Tarcísio Gurgel, uma biografia ética

Tendo como base a biografia de Tarcísio Gurgel presente em *Os de Macatuba* (2003), Tarcísio Gurgel é um escritor, professor e pesquisador brasileiro, cuja contribuição para a literatura e cultura do Rio Grande do Norte é de suma importância. Nascido em Mossoró, Gurgel tem uma carreira literária diversificada, abrangendo desde contos e romances até trabalhos teatrais e poesia, embora tenha se afastado desta última forma de expressão há algum tempo.

Tarcísio, mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1963, onde trabalhou como revisor no Jornal do Brasil. Transferiu-se para Natal e passou a trabalhar junto aos meios literários da cidade. Fez pós-graduação na PUC/RJ, defendendo tese sobre a poesia de Murilo Mendes. Tarcísio Gurgel foi professor da UFRN, onde lecionava nos cursos de Letras e cargos administrativos de relevo, como Comunicação Social, tendo ocupado pró-reitor estudantil e diretor cultural da Fundação José Augusto. Na UFRN, além de ter exercido docência por mais de 30 anos, trabalhou em três programas da TV Universitária (TVU), sendo eles: *Memória Viva*, idealizado como uma “conversa de calçada”, conta com mais de 400 edições. Outro foi *Leitura Dinâmica*, com entrevistas e comentários sobre livros variados; e, por fim, *Viajando o sertão*, que tinha a presença de cantadores do Rio Grande do Norte.

De acordo com Pedro Fernandes (2008), a obra de Gurgel mais significativa para os estudos literários do estado é frequentemente comparada à abordagem de Antonio Candido na reconstrução de uma história do sistema literário. Entre seus trabalhos notáveis destacam-se duas obras que são referências no campo das letras: *Informação da literatura potiguar*, que reflete criticamente a história e o desenvolvimento da literatura nordestina; e *Belle Époque na esquina*, que analisa a repercussão e os desdobramentos do período cultural no espaço natalense até a chegada do regime republicano.

Como professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Gurgel também deixou sua marca no âmbito acadêmico, inspirando e formando novas gerações de estudantes e escritores. Seu envolvimento com o Teatro de Estudantes Amadores (Team) e sua peça *Chuva de bala no país de Mossoró* são testemunhos de seu compromisso com as artes cênicas e com a cultura local. Outras obras de destaque em sua bibliografia se incluem *O Eterno Paraíso* (1978), *Pai, filhos, espírito da coisa* (1988) e *Conto por conto* (1998), cada uma contribuindo de maneira única para o enriquecimento do patrimônio cultural e literário potiguar.

De acordo com Gurgel (2003), em 1966, Tarcísio Gurgel participou da primeira antologia dos contistas do Rio Grande do Norte, organizada por Nei Leandro de Castro, contista conhecido por sua originalidade. Tarcísio Gurgel possui a capacidade de transformar os pequenos episódios do cotidiano nordestino em um texto ágil e bem equilibrado, situado entre o picaresco, o grotesco e o dramático. Seu primeiro livro, *Os de Macatuba*, recebeu o Prêmio Câmara Cascudo, em 1973, e é considerado um marco na ficção produzida no Rio Grande do Norte.

Em *Escritores Potiguares: atos éticos em enunciados sobre a criação literária*, Helton Macedo (2018) examina a postura ética e os posicionamentos axiológicos de Gurgel, revelando um autor comprometido com a responsabilidade social e cultural. Gurgel é apresentado como um sujeito sócio-histórico que conforma seu fazer literário a partir de uma relação concreta com o mundo da vida, um conceito central na obra de Macedo.

O trabalho de Macedo (2018) destaca a importância de Gurgel no projeto de extensão *Voz e criação: escritores potiguares e seus processos criativos*, onde sua voz literária é entendida como um ato ético que reflete uma consciência viva e responsiva. Gurgel, juntamente com outros autores como Diva Cunha e César Ferrario, é considerado um centro de valores, cujos enunciados literários são expressões de uma visão estética e um posicionamento frente à vida.

A biografia de Tarcísio Gurgel, portanto, não é apenas um registro de suas obras, mas também um testemunho de sua postura ética como escritor. Seus textos são vistos como atos éticos que contribuem para a construção de uma literatura engajada e responsável, que dialoga com os desafios e valores de sua comunidade.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como dito anteriormente, a pesquisa se beneficia da contribuição de diversos autores essenciais como Aline Sengik, Flávia Ramos, Rodrigo Cintra, Pablo Corroche e Emily Fabris. Eles oferecem percepções cruciais para entender temas relacionados a *Hamlet*. Aline Sengik e Flávia Ramos exploram a morte na literatura, Rodrigo Cintra aborda a dimensão trágica da justiça em Shakespeare, Pablo Corroche discute a loucura em *Hamlet*, Emily Fabris analisa a vingança na perspectiva hamletiana.

Em vista disso, esses autores fundamentam o trabalho ao proporcionar uma base sólida para a análise literária, destacando aspectos da tragédia⁹ de Hamlet, explorando as dimensões do discurso literário e abordando os elementos necessários. Com base nesses pilares, a pesquisa pode desvendar os vestígios hamletianos no conto “Por uma Quartinha com Água Serenada”, de Tarcísio Gurgel, presente em *Os de Macatuba*.

2.1 O surgimento da loucura

A loucura é um tema central na tragédia *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, ou apenas *Hamlet*, escrita por William Shakespeare. Nessa obra, a figura enigmática de Hamlet é profundamente afetada pela insanidade e sua luta interna entre razão e loucura é retratada de forma intensa e dramática. O trabalho de Pablo Corroche (2013), intitulado *Uma análise sobre a manifestação da loucura na obra Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, investiga essa relação entre insanidade e razão. Como podemos ver nas palavras de Pablo Corroche (2013, p. 42):

A loucura em *Hamlet* é uma metáfora poderosa para a desordem e a instabilidade que permeiam a sociedade dinamarquesa. Ela se manifesta não apenas na mente de Hamlet, mas também nos outros personagens, revelando a fragilidade da razão humana e a complexidade das emoções. A peça sugere que a loucura não é apenas individual, mas também coletiva, afetando a todos.

Sabendo disso, Corroche explora como os principais personagens da peça lidam com a loucura e como a razão tenta interditá-la. Segundo Corroche, em *Hamlet*, a loucura se manifesta de várias maneiras: O próprio príncipe Hamlet finge estar louco para investigar o assassinato de seu pai. Sua suposta insanidade é uma estratégia para obter informações e vingar-se do tio, que usurpou o trono; Ofélia, a amada de Hamlet, sofre um colapso mental após a morte de seu pai e a rejeição de Hamlet. Suas canções e comportamento errático são símbolos de sua loucura.

Ainda tendo base em Corroche (2013), Polônio, o pai de Ofélia também é afetado pela insanidade. Ele é excessivamente controlador e obcecado em descobrir a causa

⁹ De acordo com o Dicionário *Oxford Languages*, é um texto, caracterizado pela seriedade e dignidade, que provoca paixão e medo, para que o público possa experimentar a catarse. A tragédia ocorre quando é causada por uma força maior (natureza, deuses, destino, etc).

da loucura de Hamlet; O rei Cláudio, tio de Hamlet, também é atormentado pela culpa após assassinar o irmão e casar-se com a rainha. Sua consciência o leva à paranoia e à sensação de que a loucura está se espalhando. Dito isso, fica claro como a loucura faz parte de *Hamlet*.

Em *Os de Macatuba* a loucura também se faz presente e de forma muito similar a *Hamlet*. Como por exemplo, no conto “Por uma Quartinha com Água Serenada” que o personagem Lustosa demonstra uma obsessão que beira a loucura por redenção, assim como o sentimento que a Ofélia de *Hamlet* demonstra pelo protagonista.

Tendo ciência disso, tanto *Hamlet* quanto o conto “Por uma Quartinha com Água Serenada” de *Os de Macatuba* abordam questões profundas sobre a natureza da insanidade, a dualidade entre razão e emoção, e como a sociedade lida com aqueles que são considerados loucos. A loucura em ambas as obras é complexa, Shakespeare e Tarcísio Gurgel utilizam-na como um veículo para explorar a complexidade da condição humana.

2.2 A morte na literatura

A morte é um tema recorrente na literatura e desempenha um papel significativo em *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, e na tragédia *Hamlet*, de William Shakespeare. Na peça, o protagonista, príncipe Hamlet, lida com a morte de seu pai, o rei, e busca vingança contra seu tio Cláudio, que o assassinou para usurpar o trono. A morte permeia a trama, afetando os personagens de maneira profunda e complexa.

A literatura, como apontado por Aline Sengik e Flávia Ramos (2014), desempenha um papel importante na construção de conhecimento e na atribuição de significado a partir das vivências do leitor. A escolha adequada de livros literários pode ajudar os leitores a lidar com situações difíceis, incluindo a morte. Portanto, a discussão sobre a morte por meio da literatura oferece uma oportunidade valiosa para explorar emoções, compreender a finitude e promover a empatia.

Dito isso, *Hamlet* também trabalha o tema morte pela ausência e a perda. A morte do rei afeta profundamente os personagens, especialmente Hamlet, que luta com questões existenciais e a inevitabilidade da morte. Ele contempla o sentido da vida, a moralidade e a corrupção do mundo. Suas famosas palavras “Ser ou não ser, eis a questão” (Shakespeare, 2014, p. 136) refletem essa angústia interior. A conversa entre o príncipe Hamlet e o fantasma de seu pai é um momento crucial. O fantasma pede a Hamlet que vingue sua morte, mas também adverte contra prejudicar a rainha Gertrudes. Essa conversa revela a complexidade das emoções de Hamlet e sua luta entre acatar ou não o que seu pai disse, afinal, se ele ouvir o pai, o rei Hamlet está mais “vivo” do que nunca.

No conto “Por uma Quartinha com Água Serenada”, de Tarcísio Gurgel, a morte está presente, assim como em *Hamlet*. Nele, um homem é morto após beber uma água envenenada que foi lhe mandada pelo sua esposa, essa morte é fruto da vingança da

esposa que foi violentada pelo marido. A morte, simbolicamente, permeia a trama, pois o homem se encontra preso, e ele não sabe se realmente vale a pena continuar vivendo, ou morrer por desgosto, essa escolha é uma metáfora para as decisões que enfrentamos ao longo da vida, muitas vezes envolvendo questões de vida e morte.

Assim como em *Hamlet*, onde a morte é central para a trama, em “Por uma Quartinha com Água Serenada”, Tarcísio Gurgel utiliza o tema como um elemento que transcende o meramente clínico. A morte é uma expressão da questão social, das escolhas e dos dilemas enfrentados pelos personagens. Portanto, tanto *Hamlet* quanto o conto “Por uma Quartinha com Água Serenada” de *Os de Macatuba* exploram a morte como um tema multifacetado, abordando questões emocionais, éticas e existenciais. Ambos nos convidam a refletir sobre nossa própria mortalidade e o significado da vida. Assim, indo de acordo com Aline Sengik e Flávia Ramos (2014), que apontam que livros literários podem ajudar os seus leitores a refletir e lidarem com temas delicados como a morte.

2.3 A vingança de *Hamlet*

Emily Fabris (2018), em seu trabalho de conclusão de curso, realizou uma análise comparativa da vingança em *Hamlet* e na obra “Assassinato no Expresso do Oriente”, de Agatha Christie. Apesar de o trabalho abordar outra obra além de *Hamlet*, muito se pode aproveitar para ter percepções sobre o tema “vingança” na obra Shakespeariana.

Em *Hamlet*, a vingança também é um tema central. O protagonista, príncipe Hamlet, busca vingar a morte de seu pai, o rei Hamlet. De acordo com Fabris (2018), no entanto, diferentemente de outros personagens vingativos na peça, como Fortinbras e Laertes, Hamlet hesita e adia suas ações. Ele questiona a moralidade da vingança e a eficácia de seus planos. Essa indecisão e introspecção tornam sua busca por vingança complexa e intrigante.

A obra de Shakespeare também explora a vingança como um ciclo de violência. A busca de Hamlet por justiça leva a mais mortes e tragédias, revelando as consequências devastadoras da vingança desenfreada. Sabendo disso, podemos ver que a vingança tem resultados devastadores, ela ocorre em razão de busca por justiça, justiça essa que é questionada pelo próprio Hamlet toda vez que ele hesita, esta hesitação seria um presságio da tragédia.

Em *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, este tipo de vingança como meio de fazer justiça também ocorre em alguns contos. Temos como exemplo o conto “Por uma Quartinha com Água Serenada”, onde um marido quer se vingar de sua esposa que ele é apaixonado por ela ter lhe traído, essa vingança causa a morte de Lustosa. Dito isso, a vingança em *Os de Macatuba* tem consequências devastadoras, a busca por fazer justiça através da vingança causa tragédias irreparáveis, assim como em *Hamlet*.

O trabalho de Emily Fabris (2018) conecta a vingança a uma inevitável tragédia,

onde a busca por vingança causa mais mortes e tragédias, como podemos ver nos acontecimentos de *Hamlet* e em *Os de Macatuba*. Destarte, *Hamlet* e *Os de Macatuba* oferecem uma visão multifacetada da vingança, abordando questões morais, psicológicas e sociais.

2.4 A justiça em *Hamlet*

Rodrigo Cintra (2011), em sua tese de doutorado intitulada “Uma Dimensão Trágica do Poder e da Justiça – Shakespeare e Maquiavel,” explora a relação entre poder e justiça nas obras de dois autores fundamentais: Maquiavel e Shakespeare. Embora o foco principal seja a dimensão trágica do poder, podemos extrair percepções relevantes para compreender a justiça em *Hamlet*. Tal como em Shakespeare, a justiça não é expressa teoricamente por meio de ensaios ou tratados, mas sim artisticamente, especialmente nas tragédias. *Hamlet*, uma das obras mais icônicas do autor, também aborda essa temática. Rodrigo Cintra (2011) argumenta que a justiça em *Hamlet* não é apenas uma questão de aplicação de leis e regras, mas também envolve dilemas morais, conflitos internos e consequências imprevisíveis.

Em concordância com Rodrigo Cintra (2011), na tragédia *Hamlet*, a busca por justiça é central. O protagonista, Hamlet, enfrenta o dilema de vingar a morte de seu pai, assassinado pelo rei Cláudio. No entanto, ele hesita, questionando a validade da vingança e a moralidade de matar o tio. Essa ambiguidade moral é agravada pela loucura aparente de Hamlet e pela tensão em torno de Ofélia. Além disso, a tensão entre Hamlet e Cláudio em torno de Ofélia também contribui para o conflito na peça. A loucura aparente de Hamlet leva Ofélia ao suicídio, um evento trágico que afeta profundamente a situação na Dinamarca. Nas palavras de Rodrigo Cintra (2011, p. 9):

A justiça em Shakespeare não é apenas uma questão de aplicação de leis e regras, mas também envolve dilemas morais, conflitos internos e consequências imprevisíveis. Nas tragédias, como ‘Hamlet,’ a busca por justiça transcende as convenções jurídicas e mergulha nas profundezas da condição humana.

Essa reflexão destaca que a dimensão trágica da justiça em *Hamlet* vai além do simples cumprimento de normas legais. Ela se manifesta nos dilemas éticos enfrentados pelos personagens, nas escolhas impossíveis e nas consequências devastadoras. A obra nos lembra de que a justiça é um labirinto de emoções e dilemas que ecoam através dos séculos.

Destarte, a busca por justiça, a incerteza sobre a autoria do homicídio do pai de Hamlet e as complexidades morais sobre justiça e não justiça, certo e errado, são elementos centrais na tragédia. A peça nos convida a refletir sobre a natureza da justiça e suas complexidades. Não se trata apenas de punição, mas também de dilemas éticos,

lealdade, traição e a inevitabilidade da morte. A tragédia shakespeariana transcende as convenções de justiça jurídica e mergulha nas profundezas da condição humana.

Sabendo disso, o modelo de justiça em *Hamlet* é similar a justiça encontrada no conto “Por uma Quartinha com Água Serenada” de *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, visto que se trata de uma justiça mais atrelada à condição humana, uma justiça mais popular que se distancia da justiça jurídica e suas leis. Além disso, digna de uma tragédia shakespeariana, essa busca por justiça leva à morte da mãe de Netuno, tal como leva a morte de Hamlet.

3 | ANÁLISE DOS VESTÍGIOS

Antes de começar a análise de fato, vale a pena salientar que de acordo com Dailor Varela (2003) que escreveu as orelhas da primeira edição do livro *Os de Macatuba*, Tarcísio evita o excesso de palavras e cria imagens secas, características típicas de um poema de João Cabral de Melo Neto ou um conto de Graciliano Ramos. Dailor considera *Os de Macatuba*: “[...] o marco zero da nova linguagem literária no Rio Grande do Norte. É preciso fuçar o chão do real. E do irreal. Tarcísio Gurgel fuça a linguagem, dissecando-a. Ele luta com (e contra) a palavra.” (Varela, 2003, p. 129). Fato que engrandece a obra.

Além disso, ainda de acordo com Varela (2003), os personagens de *Os de Macatuba* provocam um delírio semântico que, apesar de ser carregado de uma terminologia regionalista, é universal. Inteligível em qualquer lugar do Brasil. Como ponto de partida para a análise, é interessante notar que o termo “vestígios hamletianos” se refere a elementos ou temas que remetem à tragédia de *Hamlet*, de William Shakespeare. Esses vestígios podem incluir questões centrais como Loucura, Morte, Vingança e Justiça, além de questões menores que se relacionam com as questões centrais, como dilemas morais, traição e conflitos familiares.

3.1 Vestígios hamletianos em “Por uma Quartinha com Água Serenada”

O conto contemporâneo “Por uma Quartinha com Água Serenada” narra a história de Lustosa, um homem casado que vivia normalmente com sua esposa Efigênia, até o dia que Lustosa descobre que foi traído pela sua esposa e então, pela loucura ele busca justiça pela sua honra e através da vingança mata Protásio, o amante da esposa. Na cadeia, Lustosa escreve cartas para seus amigos e conhecidos da cidade de Macatuba, em praticamente todas as cartas, Lustosa demonstra uma obsessão por uma quartinha¹⁰ de beber água, ele inclusive, manda cartas para a sua esposa dizendo querer divisão de bens, ele não faz questão de que a esposa fique com tudo, exceto a quartinha de que ele não abre mão.

¹⁰ De acordo com o Dicionário *Oxford Languages*, se trata de recipiente pequeno de barro para água potável; moringa, quarta ou quartilha.

Até que em um dia na cadeia, Lustosa recebe a tal quartinha com água serenada que tanto queria junto a um bilhete; mas ao beber a “água serenada”, Lustosa subitamente morre. O conto é narrado através das cartas de Lustosa e de outros escritos, vale ressaltar que este conto tem uma leve conexão com o conto “Um Mensageiro”, visto que se passa na mesma cidade de Macatuba e alguns personagens de “Um Mensageiro” são citados, como Everaldo que é famoso na cidade por ser carteiro e pela habilidade de escrita literária, e Mafisa que é oficialmente dada como morta após os acontecimentos do conto precedente.

O conto se inicia com Lustosa já preso e a primeira coisa que nos é apresentada, é um fragmento de sua primeira carta para sua Esposa Efigênia:

[...] só lhe peço uma coisa, Efigênia. Aquela quartinha, da florzinha, que gela água muito mais do que a geladeira que lhe dei só pra satisfazer o seu capricho, aquela quartinha, deixe ela pra mim. Eu já soube por boca de compadre Elpídio que você está projetando ir embora. Pois bem: leve, se quiser, as cabeças de galinha, os pés de onze horas que plantei. Pode levar o cachorro que ele vai ser bom companheiro pra você. Até a garrafa térmica. Você indo, você morreu. Não deixe nem a geladeira. Se for preciso, eu pago o carro. Agora a quartinha não. Deixe a quartinha. (Gurgel, 2003, p. 113-114)

A primeira coisa que Lustosa fala é da quartinha, o que já levanta suspeitas de loucura por ele ter uma obsessão tão grande por esse item tão simples, e inclusive, diz para Efigênia levar coisas mais valiosas como a geladeira e faz questão de pagar por isso, mas não abre mão da quartinha. A obsessão de Lustosa pela quartinha pode ser comparada à obsessão de Hamlet por vingança, visto que ele abre mão de tudo para se vingar, até de seu laço com Ofélia, Hamlet também não quer que Cláudio tome posse do que ele considera dele, como o reino da Dinamarca e sua mãe, Gertrudes, assim como Lustosa que não quer deixar a quartinha para Efigênia de maneira alguma.

Porém, podemos ver a quartinha como um símbolo de algo que Lustosa busca, visto que ele pede a Efigênia para deixar a quartinha da florzinha para ele. A quartinha “que gela água mais do que a geladeira” (Gurgel, 2003, p. 113), pode simbolizar a busca por equilíbrio, purificação e conexão com o divino. Essa referência à quartinha pode ser interpretada como um vestígio hamletiano, representando a busca por justiça e a preservação da honra.

A próxima carta de Lustosa é para seu advogado, Dr. Demostene, Lustosa é sincero e confessa tudo o que fez para ele:

Sou homem da lei conforme o senhor sabe, só tendo merecido corretivo por crime de defender o que é meu de honra e de direito. Confio na sustança do seu verbo defendendo a minha libertação e quero aproveitar para lhe dizer que, agora, trata-se da quartinha. Olhe doutor. A surra que dei em Efigênia, é coisa que passa. E eu sei de gente que já fez muito mais, por menos. E por que é que eu fiz o serviço no enxerido do Protásio? O senhor bem sabe. (Gurgel, 2003, p. 114-115),

De início, Lustosa parece ter um conflito de honra e direito, pois ele menciona que mereceu um “corretivo” (Gurgel, 2003, p. 114), por defender o que é seu de honra e direito.

Esse conflito entre a honra pessoal e a busca pela justiça é um tema recorrente em Hamlet, onde o príncipe enfrenta dilemas semelhantes, como no Ato IV, Cena IV, quando Hamlet hesita em matar Cláudio enquanto ele está confessando seus pecados.

Além disso, Lustosa menciona que agora “trata-se da quartinha” (Gurgel, 2003, p. 114). A quartinha pode ser interpretada como um símbolo de algo mais profundo, assim como os objetos e símbolos que permeiam a trama de Hamlet como o crânio de Yorick (símbolo de vida ou morte) ou o fantasma do pai (símbolo de mensageiro). A quartinha com água serenada, como já mencionado, pode muito bem ser símbolo de purificação dos pecados de Lustosa, a restauração de sua honra e uma redenção a sua pessoa. Por isso Lustosa é tão obcecado por ela, ele busca por sua redenção e justiça pelo o que acredita ser certo. Dito isso, Lustosa cometeu crimes e até os admite para o seu advogado sem demonstrar nenhum arrependimento, vemos isso quando ele diz: “A surra que dei em Efigênia, é coisa que passa. E eu sei de gente que já fez muito mais, por menos. E por que é que eu fiz o serviço no enxerido do Protásio? O senhor bem sabe.” (Gurgel, 2003, p. 114-115). Dessarte, através da loucura, Lustosa buscou vingança e justiça, ele acredita que tudo o que fez está certo, até mesmo bater em Efigênia e matar Protásio para defender sua honra e lar. Essa busca por justiça e ação movida pela emoção são paralelos aos conflitos internos de Hamlet e sua busca por vingar a morte de seu pai.

Em seguida, somos apresentados à mais uma carta de Lustosa, essa foi para o vigário da paróquia de Macatuba:

[...] comuniquei a Dr. Demóstenes que é meu advogado, conforme sabe Vossa Reverência. Portanto, termino pedindo sua bênção (o senhor não vai negar por causa de – perdoe a má palavra um par de culhões e meia dúzia de porretadas, não é?) e lembrando que a minha quartinha lhe valerá uma esmola grande pra continuação da capela. (Gurgel, 2003, p. 116)

Na carta para o vigário da paróquia, Lustosa continua sendo sincero e acha que está certo, ele pede para que o vigário consiga a quartinha de volta para ele. Como já sabemos, a quartinha é como um símbolo, semelhante aos objetos e símbolos que permeiam a trama de Hamlet, ela representa a busca por justiça, a honra de Lustosa e sua redenção. Então quando Lustosa apela pela quartinha, o que ele quer mesmo é que o vigário consiga recuperar a sua honra, talvez, dando um sermão religioso em Efigênia pelo seu pecado de adultério e que ela perdoe Lustosa pelo seu crime, visto que ele “só” quis defender a sua honra. A menção à quartinha é uma estratégia para reforçar sua posição e apelar à compreensão do vigário.

Quando Lustosa menciona “o senhor não vai negar por causa de – perdoe a má palavra um par de culhões e meia dúzia de porretadas, não é?” (Gurgel, 2003, p. 116), ele está se referindo a sua justiça através da vingança e fala como se não fosse nada demais, visto que ele acredita estar certo e acha que o vigário vai compactuar com esse pensamento por ele está defendendo o seu casamento. Assim como Hamlet acredita que

está fazendo justiça em se vingar matando Cláudio “A vingança será justiça quando o vingador for um príncipe.” (Shakespeare, 2014, p. 165). Ambos personagens possuem motivações parecidas, visto que são movidos pelos mesmos sentimentos, a única diferença é o contexto das situações que são diferentes.

No final da carta, Lustosa termina com um toque de humor, mencionando palavras fortes e a promessa de uma esmola para a continuação da capela. Essa abordagem persuasiva e direta é semelhante à retórica usada por Hamlet em suas interações. Dito isso, Lustosa utiliza estratégias persuasivas em sua carta, assim como Hamlet faz ao encenar a peça dentro da peça para revelar a culpa do rei Cláudio para todos. Ele planeja a encenação da morte do rei: “Eu vou observar o rei. Se ele mostrar qualquer culpa, eu vou pegá-lo com a isca.” (Shakespeare, 2014, p. 143). Nessa passagem, Hamlet explica seu plano para confirmar a culpa de Cláudio durante a apresentação teatral.

Visto isso, então podemos ver as cartas de Lustosa como uma alusão a peça que Hamlet encena, visto que Lustosa busca convencer as pessoas de que a culpa pelo crime é de Efigênia e Protásio, assim como Hamlet faz em querer desmascarar Cláudio em público. Tanto as cartas de Lustosa, quanto a encenação da peça de Hamlet, são exposições do ponto de vista deles, onde eles buscam convencer as pessoas e justificarem os seus atos de perseguição por justiça e vingança.

Uma das cartas é endereçada ao alcaide municipal, Lustosa fala com o juiz da cidade e diretamente coloca a culpa do crime em Efigênia e Protásio, ele tenta persuadir o juiz para que ele tenha empatia com sua situação, inclusive, insulta Efigênia e faz pouco caso de Protásio:

Mas, conforme já deve ter sabido a eminente autoridade, houve um destempero na vida deste humilde eleitor e correligionário. Efigênia - minha mulher e sua afilhada – perdeu a linha (a vergonha) e eu flagrei a dita enrolada com Protásio que, como é do vosso nobre conhecimento, comercia com bananas. (Gurgel, 2003, p. 116)

Em sua carta para o juiz, vemos a loucura de Lustosa e sua obsessão em querer estar certo a qualquer custo. Apesar disso, assim como Hamlet, Lustosa usa a loucura de forma hábil, ele sabe que Efigênia é afilhada do juiz, então ele apela para o pessoal e diz que ela “perdeu a linha (a vergonha)” (Gurgel, 2003, p. 116), como forma persuasiva de que a culpa foi dela. Além disso, ele faz pouco caso do trabalho de Protásio, que era comerciante de bananas, querendo justificar o seu crime, pois Efigênia o trocou por alguém em uma situação financeira menor do que a dele, mais uma vez colocando a culpa na mulher.

Algo semelhante pode ser visto em *Hamlet*, visto que o príncipe também condenou e quis culpar a figura feminina em algumas situações. Há uma fala famosa em que Hamlet expressa sua decepção com a mãe, a rainha Gertrudes. Ele a acusa de fraqueza por não ter esperado o luto do pai e já se relacionar com Cláudio, dizendo: “Fragilidade, teu nome

é mulher!” (Shakespeare, 2014, p. 28). Além disso, no Ato III, Cena I, Hamlet também condena Ofélia, acreditando que ela é tão traiçoeira quanto a mãe, o que contribui para o colapso mental de Ofélia e seu eventual suicídio. Dito isso, ambos protagonistas se sentem traídos por figuras femininas.

A próxima epístola de Lustosa é para o poeta e carteiro (mensageiro) da cidade, Everaldo. Na presente epístola, Lustosa fala de negócios com Everaldo, nessa conversa já é possível ver Lustosa planejando reconstruir a sua vida, tendo um certo otimismo que tudo dará certo:

Sou hoje um homem de posses. sendo assim, gostaria de ter uma conversa com o trovador para, de viva voz, fazer-lhe a proposta de escrever uns versos sobre o acontecido (que provocou lágrimas e também sangue) no recesso de meu lar. isto, para o meu próprio regalo e sem direito a domínio público. (Gurgel, 2003, p. 118)

Lustosa se apresenta como um “homem de posses” (Gurgel, 2003, p. 118). Essa afirmação pode estar relacionada à sua honra e posição social, semelhante aos conflitos de honra enfrentados por Hamlet que é príncipe. A busca por uma conversa com o Trovador para escrever versos sobre o acontecido no recesso de seu lar também reflete a busca por justiça e a preservação de sua honra. Além disso, Lustosa deseja falar com o Trovador pessoalmente, essa busca por comunicação direta é semelhante à relação entre o rei Hamlet (o mensageiro) e o príncipe Hamlet (receptor).

Percebe-se que, Lustosa é astuto, pois ele busca limpar a sua honra e capitalizar de uma vez só através das trovas. Assim, tirando proveito até mesmo de uma situação adversa, essa astúcia é muito similar à de Hamlet, que muitas vezes tira proveito do fato de se fingir de louco para ninguém desconfiar de seus planos, como no Ato III, Cena II durante a peça. Hamlet também busca limpar sua honra e lucrar ao mesmo tempo matando Cláudio, pois matando o tio, ele iria vingar seu pai e se tornar rei ao mesmo tempo: “Vou ver o rei. Se ele mostrar qualquer culpa.” (Shakespeare, 2014, p. 145)

Destarte, Lustosa é muito parecido com Hamlet, ambos personagens são motivados pelos mesmos sentimentos, possuem características idênticas, buscam redenção e até fazem as mesmas coisas. Visto isso, Lustosa seria o Hamlet na contemporaneidade, onde a tragédia também ocorre com o homem comum, não apenas a grandes figuras como um rei ou um príncipe.

Depois disso, nos é apresentado a primeira fala de Efigênia no conto, onde ela diz “ele quer a quartinha? Pois ele vai ficar com ela. Posso até mandar pra cadeia...” (Gurgel, 2003, p. 119). Sabendo disso, diferente do que se esperava, Efigênia não faz questão nenhuma da quartinha, o que é estranho pela grande questão que Lustosa faz de querer o item. Por ser seu marido, Lustosa conhecia bem Efigênia, então ela poderia muito bem querer manter a quartinha com ela só pra contrariar ele como forma de vingança, mas isso estranhamente não acontece, a não ser que haja um interesse oculto de Efigênia da

quartinha chegar às mãos de Lustosa com tanta facilidade.

Após essa fala de Efigênia, o editorial da cidade de Macatuba anuncia a morte súbita de Lustosa ainda dentro da cadeia. Além disso, é aproveitado o clima de luto para confirmar a morte de Mafisa que aconteceu há pouco tempo:

MACATUBA ESTÁ TRANSIDA DA DOR QUE SE ABATE SOBRE PONDERÁVEL PARCELA DE SUA OPEROSA POPULAÇÃO, COM O FALECIMENTO DO INDITOSO COMERCIANTE LUSITANO PLÁCIDO DO AMARAL LUSTOSA. DIR-SE-IA QUE ALGUM EVENTO TRÁGICO, DERIVADO DA IRA DOS DEUSES, ALGUMA PESTE, SAÍDA DE ALGUM DRAMA GREGO ESTÁ A SE ABATER SOBRE A NOSSA GLEBA; O AR PLÚMBEO QUE ENVOLVE COINCIDÊNCIA CLIMATÉRICA NA A NOSSA CIDADE, NOS FAZ PENSAR IGUALMENTE COMPUNGIDOS NO DESENLAÇE DA MUI GENTIL E CORDATA DONZELA MAFISA ARRUDA, DESAPARECIDA HÁ TÃO POUCAS PÁGINAS... (Gurgel, 2003, p. 119-120)

O conto mais do que nunca evoca o tema morte nessa passagem, a morte súbita de Lustosa é uma quebra de expectativa pelo conteúdo dos escritos anteriores. Porém, a fala de Efigênia sobre enviar a quartinha para cadeia é um grande indício da tragédia que estaria por vir. O que Lustosa mais quis, a quartinha, foi a causa de sua morte, assim como a busca de justiça de Hamlet o levou à morte. Além disso, a menção à “mui gentil e cordata donzela Mafisa Arruda que desapareceu há poucas páginas” (Gurgel, 2003, p. 119-120), confirma a morte de Mafisa por envenenamento, fato que evidencia ainda mais os vestígios hamletianos no conto. Na passagem, muito se contribui para a atmosfera de morte, como a descrição da cidade de Macatuba como “transida da dor” (Gurgel, 2003, p. 119-120) e o uso de palavras como evento trágico e desenlace evocam um tom sombrio e melancólico. A menção à “ira dos deuses” e à “saída de algum drama grego” (Gurgel, 2003, p. 119-120), remete à mitologia e à tragédia clássica, como a mitologia grega e as peças de Shakespeare. Além disso, a morte repentina de Lustosa é um elemento comum em tragédias, incluindo *Hamlet*. Em adição, o uso de termos como “inditoso” (Gurgel, 2003, p. 119-120), sugere um mistério ou segredo por trás desses eventos. Destarte, esses elementos são semelhantes ao clima trágico de *Hamlet*.

No que tange a evidência desses elementos em *Hamlet*, Hamlet expressa sua angústia diante das circunstâncias trágicas na fala “Ó, que horror! O que é um homem, se a nobreza de sua própria vida o faz se sentir como um verme? Que estranha e amarga é a natureza humana!” (Shakespeare, 2014, p. 125). Além disso, a morte repentina de Lustosa é similar a morte do rei Hamlet por ser um evento misterioso e central para a trama, Hamlet suspeita de traição e corrupção após a morte de seu pai quando diz “Há algo de podre no reino da Dinamarca” (Shakespeare, 2014, p. 50).

No que diz respeito à mitologia e tragédias clássicas, na seguinte passagem, Hamlet questiona a natureza humana, como os antigos filósofos gregos faziam: “O que é um homem, se o seu principal bem e interesse da vida não passa de dormir e comer?” (Shakespeare, 2014, p. 195. Referente às tragédias clássicas, Hamlet usa o teatro

como uma metáfora para revelar a verdade: “O teatro é a coisa em que capturamos a consciência do rei” (Shakespeare, 2014, p. 145). Dito isso, é notável a presença dos vestígios hamletianos no conto.

O próximo escrito que narra o conto é um bilhete de Efigênia que foi encontrado nas mãos mortas de Lustosa. O bilhete foi enviado junto a quartinha que estava cheia de “água serenada” que na verdade estava envenenada, o bilhete dizia:

Agora, vou ser irmã-de-caridade. Nem dormi ontem. Chorei com arrependimento de quem errou e espero que esse último gesto meu possa servir para diminuir nossa vergonha. Ai vai, por mão de confiança, a quartinha que enchi com água serenada, revendo pela barriga que parece até que está chorando, como nós. (Gurgel, 2003, p. 121)

Ao analisar o trecho, Efigênia expressa arrependimento e sofrimento por seus erros, semelhante à angústia de Hamlet. A referência à água serenada, que possui veneno, traz a ideia de vingança e morte, temas presentes na tragédia de Hamlet. A quartinha com água serenada é uma clara alusão ao vinho envenenado que aparece no Ato V, Cena II, de *Hamlet*, o vinho envenenado causa a morte de Gertrudes mãe de Hamlet e logo após, o príncipe força seu tio Cláudio a provar do seu próprio veneno.

Efigênia menciona enviar a quartinha por “mão de confiança” (Gurgel, 2003, p. 121), mas essa confiança é quebrada ao envenenar a água. Isso é uma evidência das traições e enganos presentes na trama de *Hamlet*, como quando Cláudio envenena o vinho durante o Ato V, Cena II, da peça. Além de, a atmosfera de morte e melancolia ser semelhante à de *Hamlet*, a comparação da barriga da quartinha com lágrimas e o uso de palavras como “chorando” e “nós” criam uma atmosfera sombria e emotiva, semelhante à linguagem usada em *Hamlet*, tais como: “combatendo, dar-lhes fim? Morrer; dormir; Só isso.” (Shakespeare, 2014, p. 136).

O último escrito é o testemunho do compadre Elpídio, pálido, testemunha auricular da ocorrência: “Lustosa urrou feito um bezerro desmamado. Antes e depois de beber um caneco desses de ágata, cheio da água serenada que Efigênia lhe mandara, na quartinha da florzinha.” (Gurgel, 2003, p. 121). Sabendo disso, Elpídio era compadre do casal e pessoa de confiança, provavelmente é inocente, Efigênia foi quem envenenou a quartinha para se vingar de Lustosa por ele ter dado uma surra nela e ter matado seu amante Protásio.

Lustosa foi inocente em não desconfiar de Efigênia, da mesma forma que Hamlet foi inocente em ter aceito o duelo durante o Ato V, Cena II, da peça: “Eu aceito a proposta com um coração aberto.” (Shakespeare, 2014, p. 208). Embora Hamlet aceite o duelo, ele não faz isso com a intenção de ser desonesto ou de buscar vingança de maneira injusta. O envenenamento foi a causa da morte de ambos os protagonistas, eles foram enganados e traídos, morrendo cedo e deixando muitos planos para trás. Porém, morreram pelo o que tanto buscaram: fazer justiça com as próprias mãos.

Enfim, o conto “Por uma quartinha com Água serenada” possui vestígios hamletianos

como loucura, morte, vingança e justiça, assim como os outros contos de *Os de Macatuba*, como “Pela hora da morte” e “Um Mensageiro”; mas esse é o mais semelhante à *Hamlet*. Tarcísio Gurgel, trouxe elementos do clássico *Hamlet* da tragédia elisabetana para a literatura potiguar, as diversas similaridades, metáforas, simbolismos e alusões a *Hamlet* evidenciam isso.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pesquisou analisar os vestígios hamletianos tais como: loucura, justiça, vingança e morte no conto “Por uma quartinha com Água serenada” de *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel. Ao concluir a pesquisa, é difícil não elogiar a qualidade e originalidade do texto de Tarcísio Gurgel. De forma genial e convincente, Gurgel conseguiu trazer elementos da tragédia clássica *Hamlet*, tais como: a loucura, a justiça, a vingança e a morte, e os efetuou na contemporaneidade do interior do Nordeste Potiguar, um feito louvável. Sem contar que Gurgel trouxe sua própria identidade ao texto, caracterizado pela economia verbal e humor ácido, contrastando com o excesso verbal e seriedade de *Hamlet*.

No que tange os problemas enfrentados, o principal problema que motivou a elaboração deste trabalho, foi a falta de ciência do fato das obras possuírem semelhanças e de que *Os de Macatuba* possui vestígios hamletianos, isto fica claro ao analisar a obra, porém poucos tem noção disso. Entretanto, ao ler o conto “Por uma quartinha com Água serenada” de *Os de Macatuba*, acabamos com o problema de falta de notoriedade sobre os vestígios hamletianos presentes no conto, visto que as semelhanças, metáforas, alusões e temas entre as obras são tantos, que facilmente qualquer leitor mais atento irá perceber as interconexões entre as obras. Principalmente no que tange a tragédia e seus vestígios hamletianos como, loucura, justiça, vingança e morte. Além disso, a elaboração desse trabalho também é uma forma de elevar o texto de Gurgel.

No que diz respeito aos passos que levaram aos resultados obtidos, foram feitas as leituras das fontes primárias e secundárias, sendo a leitura e reflexão das fontes secundárias para a fundamentação teórica que embasa a análise literária dos vestígios hamletianos no conto “Por uma quartinha com Água serenada”, de *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel; E a leitura e interpretação das fontes primárias, sendo a leitura e a interpretação do livro *Os de Macatuba* para identificar e evidenciar os vestígios hamletianos presentes no conto selecionado do mesmo, e a leitura e interpretação da peça *Hamlet*, de William Shakespeare, para comprovar a autenticidade das evidências com trechos da própria peça.

Refletindo sobre os objetivos estabelecidos no início da pesquisa, o objetivo geral estabelecido foi: analisar elementos hamletianos no conto “Por uma quartinha com Água serenada”, presente em *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, com vistas a identificar vestígios como a loucura, a morte, a vingança e a justiça. E os objetivos específicos em suma, foram: (a) Identificar as características hamletianas no conto contemporâneo citado;

(b) Estabelecer as semelhanças e as diferenças nos temas mencionados entre as obras *Os de Macatuba* e *Hamlet*; (c) Interpretar os símbolos e as metáforas utilizados no conto mencionado considerando os aspectos de *Hamlet* que evidenciam a influência do drama elisabetano na narrativa potiguar.

Dito isso, refletindo sobre esses objetivos estabelecidos no início da pesquisa após o término da mesma, é no mínimo plausível afirmar que foi possível analisar o conto “Por uma quartinha com Água serenada”, presente em *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, e identificar vestígios hamletianos no conto como a loucura, a morte, a vingança e a justiça. Também foi concebível estabelecer as semelhanças e diferenças nos vestígios hamletianos que o conto de *Os de Macatuba* compactuam com *Hamlet*. Além disso, os símbolos e metáforas utilizados no conto que evidenciam a influência do drama elisabetano na narrativa potiguar, foram interpretados de forma crível.

Ressaltando os resultados alcançados na pesquisa, não coincidentemente, o conto aqui analisado termina com uma tragédia digna de Shakespeare. Em “Por uma quartinha com Água serenada”, a morte de Lustosa foi a pior, por ele ter sido traído e enganado duas vezes por sua amada Efigênia. Sabendo disso, nas diversas mortes e tragédias que ocorrem em *Hamlet*, é possível ver personagens que tiveram destinos no mínimo parecidos com estes do conto “Por uma quartinha com Água serenada” de *Os de Macatuba*. Vale salientar que Tarcísio Gurgel não economiza palavras para descrever os cenários típicos do interior Potiguar, como os copos de alumínio e bacias de água nas cozinhas das casas; entretanto, economiza palavras para descrever as tragédias, como dito por Gilberto Mendonça Teles (2003), enunciando-as e logo “calando” a repercussão das mesmas como o silêncio de *Hamlet* na solidão do texto literário.

Outrossim, foi observado que os principais vestígios hamletianos como a loucura, justiça, vingança e morte, são praticamente uma fórmula que gera a tragédia, ou seja, eles se complementam mutuamente para a concepção da tragédia nas obras. Tendo início, meio e fim como um ciclo trágico, esse ciclo ocorreria assim: a manifestação da loucura faz com que o indivíduo busque por justiça, então a justiça é feita através da vingança e essa busca por vingança leva a inevitável morte. Esse ciclo acontece tanto em *Hamlet*, quanto no conto “Por uma quartinha com Água serenada” de *Os de Macatuba* aqui analisado. Fato que reforça a influência da tragédia elisabetana na literatura Potiguar.

Dito isso, as similaridades entre ambas são notáveis; mas a principal diferença é a época em que foram escritas as obras. Quando *Hamlet* foi escrito (entre 1599 e 1601), a tragédia era atribuída a grandes figuras como príncipes, reis, heróis e semideuses. Isso pela visão de mundo da época, de que apenas alguém “poderoso” poderia ter o que perder e que os infortúnios da vida ocorrem até mesmo com o maior dos homens, geralmente esse infortúnio é uma fatalidade dos deuses, como se o roteiro tendesse a isso, e a plateia se comove com a tragédia, gerando catarse.

Em vista disso, na época em que *Hamlet* foi escrito, a tragédia não teria o mesmo

impacto se ocorresse com um homem comum, pois não comoveria tanto a plateia e não passaria uma mensagem e moral da história convincente, é justamente o ciclo de início da jornada de um grande homem, seu ápice e sua queda que gera a culminância da catarse. Para confirmar essa fala, Aristóteles, em sua obra *Poética* (2002), discute que a tragédia clássica deve tratar de um personagem que é de grande estatura ou nobreza, alguém cujos erros e quedas provocam uma sensação de temor e piedade. O sofrimento de um homem comum não teria o mesmo efeito; a grandeza do personagem é necessária para gerar uma catarse completa. Reforçando que o roteiro da tragédia clássica tem a forma de uma elipse para baixo.

Em contrapartida, quando *Os de Macatuba* foi escrito, já na contemporaneidade (1975, primeira edição), a tragédia começou a ser atribuída ao homem comum, visto que é mais fácil se identificar com esse tipo de personagem, pois é algo que pode acontecer com qualquer um, ainda mais com os diversos problemas da vida cotidiana na contemporaneidade. Tarcísio Gurgel, atribui a tragédia a pessoas comuns de uma cidade fictícia no interior potiguar, tais como: uma mãe e um filho na flor da idade, uma mulher solteira e um homem casado. Algo muito mais perto da nossa realidade contemporânea do que um rei ou um príncipe da Dinamarca.

Visto isso, esses resultados validam a originalidade e a relevância da obra *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, na literatura brasileira, visto que a proposta de Tarcísio é original pela sua estética potiguar e seu estilo próprio de linguagem. Além disso, os vestígios hamletianos interpretados evidenciam que a obra tem como raízes a tragédia Shakespeariana *Hamlet*. Com os resultados obtidos, esperamos contribuir para o reconhecimento e a valorização da obra de Tarcísio Gurgel no âmbito da literatura brasileira e universal.

Tendo perspectivas futuras, muito ainda pode ser feito em relação ao tema, visto que a tragédia ao homem comum é frequente na literatura contemporânea. O ciclo trágico de loucura, justiça, vingança e morte ainda pode ser explorado em obras contemporâneas, principalmente na literatura Potiguar que é tão rica. Outros contos presentes em *Os de Macatuba* poderiam ser analisados, já que o livro se trata de uma coletânea com mais de dez contos. Entretanto, diferentes obras de Tarcísio Gurgel, quiçá de outro autor Potiguar, também poderiam ser analisadas com vistas em evidenciar vestígios hamletianos ou de distintas tragédias clássicas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de S. H. Butcher. São Paulo: Editora Abril, 2002.

CINTRA, Rodrigo Augusto Suzuki Dias. **Uma dimensão trágica do poder e da justiça: Shakespeare e Maquiavel**. 2011. 313 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CORROCHE, Pablo do Couto. **Uma análise sobre a manifestação da loucura na obra Hamlet, Príncipe da Dinamarca, de William Shakespeare**. 2013. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FABRIS, Emily. **A vingança sob duas perspectivas**: análise comparativa da vingança nas obras Hamlet, de William Shakespeare, e Assassinato no Expresso do Oriente, de Agatha Christie. 2018. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

FERNANDES, Pedro. **Tarcísio Gurgel**. 2008. Disponível em: <<https://www.blogletras.com/2010/06/tarcisio-gurgel.html>>. Acesso em: 28 maio 2024.

GURGEL, Tarcísio. **Os de Macatuba**. 3. ed. Natal: CLIMA, 2003. Publicado originalmente em (1975).

MACEDO, Helton Rubiano de. **Escritores potiguares**: atos éticos em enunciados sobre a criação literária. 2018. 287 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

Oxford Languages University Press. **Sobre a Oxford University Press**. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 31/07/2024.

SENGIK, Aline Sberse; RAMOS, Flávia Brocchetto. **Literatura como instrumento de discussão acerca da morte**. Psicologia da Educação, São Paulo, n. 41, p. 115-128, dez. 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Tradução de Millor Fernandes. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

TELES, Gilberto Mendonça. O Maktub de Macatuba. In: GURGEL, Tarcísio. **Os de Macatuba**. 3. ed. Natal: CLIMA, 2003.

VARELA, Dailor. TEXTO DE DAILOR VARELA PARA AS ORELHAS DA 1ª EDIÇÃO. In: GURGEL, Tarcísio. **Os de Macatuba**. 3. ed. Natal: CLIMA, 2003.